

CCG557 - REDES DE COOPERAÇÃO, COWORKING E ESCRITÓRIOS DE CONTABILIDADE: UMA INVESTIGAÇÃO DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DA DISSOLUÇÃO DE PARCERIAS

Autoria

Bárbara Ewely Pessoa Sousa
Centro Universitário de João pessoa

Alan Santos de Oliveira
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA)

Mércia de Lima Pereira
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Resumo

O presente artigo teve como objetivo verificar os principais motivos que impulsionaram a dissolução dos escritórios de contabilidade das redes de cooperação na modalidade coworking. No que se refere à tipologia da pesquisa, categoriza-se como uma abordagem exploratória e descritiva, além da utilização de estudo de caso, utilizando um procedimento qualitativo, pela necessidade de entendimento dos comportamentos dos entrevistados. A pesquisa foi realizada em João Pessoa-PB, no segundo semestre do ano de 2017. As unidades de pesquisas foram a Rede de cooperação Athos Coworking e o escritório Lopes e Gadelha Assessoria e Consultoria Contábil. Foi utilizado, na análise, o método de análise de conteúdo, com a mesma é possível descrever experiências vividas pelos participantes da pesquisa. Na Rede de Cooperação coworking, verificou-se que Maturação e necessidade de estrutura própria são os fatores que contribuem para a dissolução da rede de cooperação. No escritório que participou da rede de cooperação, examinou-se que os motivos que levam a dissolução foram a necessidade de privacidade e um lugar próprio. Assim, em resumo, verificou-se como fatores de dissolução de redes: a maturação, privacidade, individualismo e custos-benefícios (considerados pelos entrevistados como ponto principal). Desta forma, conclui-se que o principal motivo para o ingresso a rede de cooperação coworking, também é um fator do desligamento do mesmo, custo-benefício, ou seja, quando há o aumento dos custos e a estagnação dos preços, a saída mais viável é o desligamento da rede de cooperação.

REDES DE COOPERAÇÃO, *COWORKING* E ESCRITÓRIOS DE CONTABILIDADE: UMA INVESTIGAÇÃO DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DA DISSOLUÇÃO DE PARCERIAS

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo verificar os principais motivos que impulsionaram a dissolução dos escritórios de contabilidade das redes de cooperação na modalidade *coworking*. No que se refere à tipologia da pesquisa, categoriza-se como uma abordagem exploratória e descritiva, além da utilização de estudo de caso, utilizando um procedimento qualitativo, pela necessidade de entendimento dos comportamentos dos entrevistados. A pesquisa foi realizada em João Pessoa-PB, no segundo semestre do ano de 2017. As unidades de pesquisas foram a Rede de cooperação Athos *Coworking* e o escritório Lopes e Gadelha Assessoria e Consultoria Contábil. Foi utilizado, na análise, o método de análise de conteúdo, com a mesma é possível descrever experiências vividas pelos participantes da pesquisa. Na Rede de Cooperação *coworking*, verificou-se que Maturação e necessidade de estrutura própria são os fatores que contribuem para a dissolução da rede de cooperação. No escritório que participou da rede de cooperação, examinou-se que os motivos que levam a dissolução foram a necessidade de privacidade e um lugar próprio. Assim, em resumo, verificou-se como fatores de dissolução de redes: a maturação, privacidade, individualismo e custos-benefícios (considerados pelos entrevistados como ponto principal). Desta forma, conclui-se que o principal motivo para o ingresso a rede de cooperação *coworking*, também é um fator do desligamento do mesmo, custo-benefício, ou seja, quando há o aumento dos custos e a estagnação dos preços, a saída mais viável é o desligamento da rede de cooperação.

Palavras-chave: Redes de cooperação; *Coworking*; Escritórios de Contabilidade.

1 INTRODUÇÃO

A constante necessidade pela sobrevivência no mercado é um dos maiores desafios que os pequenos e médios empresários combatem diariamente. Conforme defendido por Campos, Oliveira, Leal e Duarte (2016), as principais dificuldades enfrentadas pelas pequenas e médias empresas são de resistir ao atual mercado corporativo e suas mudanças constantes dentro do seu ambiente de negócios; as levando a agir em cooperação para dividir os recursos, táticas e métodos.

Para Fisher, Rover, Fransozi e Mello (2014), cooperação está associada ao propósito conjunto, repartir informações e, como consequência, a divisão de recursos. Marquezan e Sousa (2015), afirmam que por meio da união as organizações alcançam benefícios que não colheriam ou teriam obstáculos de alcançar. Diante desse contexto, surgem no final da década de 90 os primeiros conceitos de escritórios compartilhados (*Coworking*), apresentando-se como uma proposta diferenciada de compartilhamento de ambientes e divisão de custos.

De acordo com Zanon (2015), *Coworking* é uma área compartilhada de trabalho atual, onde são agregados profissionais, para que assim sejam partilhados conhecimentos, experiências, informações e, dessa forma, se detenha um ambiente também adequado para um maior rendimento. Rief, Stiefel e Weiss (2016), acrescentam, afirmando que os ambientes de *coworking* são propícios, inovadores, bem-sucedidos, recompensadores. Assim, os *coworking* trouxeram uma proposta inovadora, que pode modificar e inovar o futuro dos escritórios de Contabilidade, por meio de redes de cooperação.

Para Lima (2007), as redes de cooperação são oportunidades de crescimento e podem ser realizadas por pequenos grupos, a fim de se atingir determinado objetivo e assim conquistar novos mercados, produtos e tecnologias. Venturi (2012) disserta sobre as dificuldades de inserir novos produtos, serviços e essa prerrogativa faz com que os

empresários percebem que concorrer sozinhos é inviável. Nesse sentido, os escritórios de contabilidade, principalmente na fase inicial de vida, optam por atuar em *coworking*, visando aumentar suas receitas, *networking* e a redução de custos.

Porém, mesmo com todos esses atributos positivos, surgem fatores diversos, decorrentes de problemas organizacionais, interesses pessoais, individualismo, assimetria de informações, porte da empresa, modelo de gestão, custo benefício, assim como, racionalidade, causando as dissoluções das redes de cooperação (Lima, 2007; Venturi, 2012; Klein, 2012 & Barcellos, Borella, Peretti & Galelli, 2012). Nesse sentido, os escritórios de contabilidade, que atuam na modalidade *Coworking*, também podem sofrer essas dificuldades na gestão de seus negócios em redes de cooperação.

Por isso, pode-se evidenciar a seguinte indagação para esse estudo: **Quais fatores impulsionaram a dissolução dos escritórios de contabilidade das redes de cooperação na modalidade *coworking*?** Diante dessa problematização, este estudo tem como objetivo verificar os principais motivos que impulsionaram a dissolução dos escritórios de contabilidade das redes de cooperação na modalidade *coworking*.

Assim, o estudo em questão torna-se relevante por distinguir e apontar os fatores que ocasionam a saída dos escritórios de contabilidade participantes da rede de cooperação na modalidade *coworking*, entendendo as dificuldades existentes, contribuindo, assim, para a redução dos problemas, além de contribuir de forma diferencial para a literatura, uma vez que muitos estudos visaram entender os fatores de dissoluções de redes de cooperação, (Lima, 2007; Pereira, Venturini, Wegner & Braga, 2010; Wegner, Zen & Aldino, 2011; Bulgavoc, 2011; Barcellos et al., 2012; Wegner, Maehler, 2012; Klein; Pereira, 2012; Venturini, 2012; Xavier Filho, Paiva Junior, Alves & Medeiros, 2015), não obstante, sem enfatizar a realidade de escritórios de contabilidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Escritórios de Contabilidade

Estudo e controle do patrimônio é o objetivo da Contabilidade e a partir dessas informações, entende-se a situação econômica das organizações. Para Eckert, Milan, Mecca e Nunes (2013), a Contabilidade como ciência entende e controla o patrimônio, que é seu objetivo principal. A Contabilidade é uma ciência que estuda e controla o patrimônio e é por intermédio dessas informações que é analisada a situação econômica das entidades, sendo elas de cunho público ou privado. Os escritórios de contabilidade possuem a função de oferecer os serviços ligados ao patrimônio de forma diferenciada e assim buscar a permanência no mercado.

Shigunov e Shigunov (2003) disserta sobre o desafio para os escritórios de contabilidade de sobrevivência e permanência no mercado no período contemporâneo. Cada vez mais aumenta o número de profissionais contábeis no mercado, sendo assim, a continuidade se torna de difícil desafio.

Diante do exposto, ficar atento às mudanças e tendências do mercado é um fator crucial para o objetivo de continuidade, mesmo em um mercado acirrado. Nesse sentido, Eckert et al. (2013) relatam que a concorrência é um fator assíduo para os profissionais da contabilidade, sendo a cada instante mais fundamental adaptar-se e conseqüentemente sobreviver aos quesitos essenciais e indispensáveis da profissão.

A partir disso, perante a necessidade de sobrevivência e permanência no mercado das micros e pequenas empresas do ramo contábil, surge tendências como *home office*, *coworking*. *Home office* são formas flexíveis de trabalho, tendo um conjunto de tempo, comunicação, espaço (Tenório & Palmeira, 2002). Além disso, surge nos anos 90 a tendência *coworking*, com o objetivo de compartilhar ambientes e ajudar empreendedores a adaptar-se ao mercado, como discorre Serra (2013), descrevendo a proposta *coworking* e seu nascimento.

2.2 Escritórios Compartilhados (*Coworking*)

De acordo com Surman, Kempner, Randall e Walshok (2015), o termo *Coworking* refere-se a ambientes de trabalho compartilhados, onde *coworkeres*, que são os empreendedores, possuem condições favoráveis. Os *coworking* tratam-se de uma opção acessível, por diversas variáveis, como: custos, produtividade, desempenho, além de ser uma tendência do mercado atual.

A modalidade *Coworking* traz cooperação entre colaboradores, o que proporciona melhores resultados conjuntos, assim como conceitua Mesquita (2016), *Coworking*, é um fato social, em que há a união de profissionais que atuam melhor em conjunto, defendendo que *Coworking* está ligado à união e sustentabilidade e que existe um comum ambiente em defesa dos princípios comuns.

O termo cooperar procede do latim, do verbo *cooperari*, como junção de *cum* e *operari*, que significa o ato de produzir em conjunto, “trabalhar com”, em que o *cum* quer dizer “junto, com”, ao passo que *operari* expressa “trabalhar” (Cavalcanti, 2006).

Os primeiros conceitos de trabalho em conjunto surgiram na década de 90, com uma proposta de serviço grupal e o movimento vem evoluindo, como discorre Serra (2013), defendendo que “trabalho coletivo” é a melhor tradução da palavra *coworking* e essa tradução foi realizada por Bernie DeKoven, no ano de 1999, e em 2005, foi utilizada pelo programador Brad Neuberg na intenção de delinear um ambiente. Enquanto Zanon (2015) discorre que o termo *Coworking* foi gravado por Bernie DeKoven ainda no ano de 1999, mas em um contexto divergente ao ambiente de trabalho. Segundo a autora (2015), foi apenas em 2005, por Brad Neuberg, que o termo foi designado ao ambiente profissional partilhado, anteriormente denominado como “9 to 5 groups”.

Neme (2014) afirma que o modelo *Coworking* se iniciou no Vale do Silício, para suprir necessidades de empreendedores do ramo da tecnologia e a designação aos escritórios compartilhados, surgindo da necessidade contemporânea de adequação aos modelos empresariais e de organização encontrados atualmente. Serra (2013), defende que o modelo de *coworking* surgiu no Brasil em 2008, trazido pela publicitária Fernanda Nuldeman Trugilho e o movimento vem ganhando adeptos no mundo.

Medina e Krawulski (2015) e Cisne, Arasaki e Santos (2015) comentam que o *coworking* é um movimento que surgiu no Brasil recentemente, supostamente em 2007 e tende a ser consolidado no Mercado de Trabalho atual, e assim, lista como atributos positivos os baixos custo para as Micro Empresas e Empresas de Pequeno Porte (ME e EPP), autônomos, empresários, dentre outros empreendimentos e empreendedores. Ou seja, *Coworking* é um modelo acessível às micro e pequenas empresas, empresas de pequeno porte, pela vantagem oferecida em relação aos custos envolvidos e a produtividade.

O termo escritório compartilhado, possui dois significados, podendo ser direcionado às atividades da mesma empresa (*co-working*) ou atividades de empresas diferentes (*Coworking*). Nesse sentido, Mesquita (2016) afirma que o termo *co-working* está direcionado a trabalhos virtuais ou até atividades em conjunto de uma mesma empresa. O autor também conceitua o termo *coworking*, no qual os colaboradores não estão unidos à mesma empresa, porém, realizam um trabalho de cooperação e partilham um mesmo local de trabalho.

O fato motivador para opção do modelo *Coworking*, é a divisão de custos e o retorno financeiro maior. Fastshipping (2012) afirma que a lógica econômica é o que conduz os empreendedores a se destinarem a seguir e optar pelo espaço *coworking*, pois o modelo oferta uma opção mais atrativa, em decorrência dos baixos custos, compartilhando o ambiente, equipamentos de trabalho e assim impactando em sua renda.

O modelo *coworking* não proporciona apenas a divisão de custos, ele vai além, traz também o compartilhamento de conhecimentos e ideias. De forma similar afirmam Rief et al.

(2016), quando comentam que os *coworking*, são locais em que recursos, experiências e habilidades são compartilhados entre seus colaboradores, porém, há além das ideias compartilhadas, onde existem trocas de redes *freelancer*, novos talentos e oportunidades de colaboração. A tendência de *coworking* reduz seus custos, aumenta a colaboração e influencia positivamente em parcerias.

Munhoz, Sengia, Fazzio, Oliveira & Ades (2015) revelam que o suporte financeiro, *networking* e espaço adequado, a divisão de custos fixos, troca de experiências são características positivas dos *coworking*. Em decorrência dos baixos custos dos *coworking*, por compartilharem custos, essas reduções podem trazer melhorias as partes interessadas. Rief et al. (2016) discutem acerca das motivações que envolvem os *coworking* e reflete sobre os baixos preços dos espaços de escritórios compartilhados, bem como o valor do aluguel revertido em benefícios aos colaboradores.

2.3 Redes de Cooperação

A sobrevivência das ME e EPP no mercado contemporâneo é um desafio diário, tendo em vista as constantes variáveis. Sendo assim, uma solução possível seriam as redes de cooperação. Nesse sentido, Gomes (2016) evidencia as redes de cooperação como recurso positivo especialmente para ME e EPP, diante da extensa concorrência, revelando que para destacar-se no mercado é imprescindível a utilização de procedimentos e estratégias. Para a autora, a concorrência é o fator fomentador para as redes de cooperação.

Tendo em vista as diversas variáveis que dificultam a permanência das ME e EPP no mercado, as redes de cooperação podem gerar benefícios, tais como conhecimento e divisão de custos. Como afirmam Fisher et al. (2014), a cooperação está relacionada à finalidade conjunta, compartilhamento de informações e como consequência a divisão de recursos. Marquezan e Sousa (2015) afirmam que por meio da união as organizações alcançam benefícios, que possivelmente não teriam de forma isolada.

Desta forma, já é realidade a propensão das ME e EPP nas escolhas das redes de cooperação, tendo em vista que a constante busca pela sobrevivência é auxiliada quando há o compartilhamento recursos. Nesse paradigma, Wegner e Ribeiro (2010) expressam que grandes números de ME e EPP preferem a constituição de redes horizontais, unindo-se a empresas de um mesmo campo de atuação para sobrepujar obstáculos comuns, estabelecer benefícios competitivos ou alcançar recursos que as tornam mais capazes a competir.

Destarte, indica-se a importância da estratégia competitiva, que pode ser entendida, conforme Azzolini Júnior, Barbosa e Sacomano (2003, p. 3), como:

[...] um importante referencial para a tomada de decisões estratégicas nas organizações, pois possui a função nítida de integração de operações e processos de negócio de todas as empresas constituintes da rede. Por sua vez, a estratégia corporativa dos grupos empresariais individuais que compõem a rede diz respeito à estratégia da corporação constituída de várias unidades de negócios. A estratégia de negócios especifica os negócios onde a corporação irá atuar, alocando recursos corporativos para cada um desses negócios.

A concorrência, altos custos e poucos recursos são algumas das dificuldades que as ME e EPP enfrentam. A participação em redes de cooperação seria uma maneira de reduzir essas dificuldades. Além disso, indica-se que os ingressos nas redes de cooperação diminuem diversos problemas, como exemplo: concorrência, custos, falta de recursos. Diante disso, a abertura para as redes de cooperação transfigura-se na probabilidade das organizações se prepararem para concorrência, em todos os níveis, de maneira que os custos e os investimentos, os riscos e as dúvidas do mercado global seriam minimizados.

Fatores como cooperação entre os associados das redes, a forma que a informação é distribuída e as primeiras decisões empresariais são chaves da continuidade no mercado. Como disserta Ferraz (2015), o sucesso de uma rede de cooperação horizontal está sujeito ao processo de inter-relação entre as entidades que partilham da rede; acontecimento que inicia nas primícias da empresa, como por exemplo, na escolha dos parceiros, de organizações com recursos (financeiros e não financeiros) e na partilha e de reputação adequada.

Diante de diversas vantagens, problemas podem manifestar-se dentro das redes de cooperação, relatando isso, Pereira et al. (2010) indica que um problema apresentado em relações interorganizacionais pode surgir em razão das diferentes orientações estratégicas dos participantes, o que significa que eles podem ter razões diferentes para se incorporar à aliança, podendo esta ser uma causa do desgaste e do fracasso da aliança.

2.4 Dissoluções das Redes de Cooperação

No decorrer do estudo foram expostos alguns benefícios para a aliança em redes de cooperação e possivelmente as chances do fracasso seriam mínimas, mas, problemas decorrentes da associação podem surgir, como afirma Lima (2007), relatando que são muitas as vantagens para as redes de cooperação, porém, obstáculos podem acontecer no curso desse processo.

São elencados numerosos problemas de cunho organizacional, econômico e de interesses para dissolução das redes. Nesse sentido, Venturi (2012) afirma que os quesitos que contribuem para a dissolução das Redes são as transformações do propósito dos associados participantes das redes. As diferentes finalidades confirmam as mudanças nos propósitos, pouca confiança e diminuição do empenho coletivo para o atingimento desses desígnios em conjunto; o fator econômico também é decisório, ou seja, a pouca competência da rede de proporcionar vantagens econômicas para os seus associados.

Sendo assim, cita-se o individualismo como fator crucial quando se trata das dissoluções das redes, tendo em vista, que o associado toma suas decisões para saciar seus objetivos pessoais, como relatam Klein (2012), Barcellos et al. (2012), analisando os fatores chaves para a dissolução e conseqüentemente desligamento do associado à rede, indicando o individualismo como proposta totalmente contrária as primícias das redes de cooperação.

A assimetria de informação é uma realidade pertencente às empresas, em destaque as redes de cooperação. Relata sobre isso, Lima (2007), Pereira *et al.* (2010) revelando que há assimetria de informações, quando uma determinada empresa possui relacionamento com a Diretoria, pois esta é beneficiada com grande nível de informações. Esse diferente nível de informações gera um sentimento de desconfiança, o que desestabiliza o vínculo entre a rede e as empresas.

Citado também por Lima (2007), o tamanho da empresa é questão importante, considerando-se que grandes empresas, que possuem a liderança no mercado, não são empresas que atuam em redes de cooperação. Sendo assim, percebe-se que no decorrer do tempo, quando há o crescimento da firma, a aliança cooperativa deixa de viável.

O modelo de gestão tem papel importante e decisivo na dissolução das redes de cooperação, podendo-se citar a divergência na forma de gestão, trazendo assim motivos para as empresas se desligarem da aliança cooperativa. Para Pereira et al. (2010), a organização é idealizada para apoiar a criação e o desenvolvimento das redes e precisa ser capaz de atender um conjunto de possibilidades, propósitos e formas de administração dos associados. Todavia, observa-se que uma qualidade expressiva de empresas se desligam do processo cooperativo.

Custo benefícios é um fator crucial quando depara-se com dissoluções entre redes de cooperação. Disserta sobre isso Lima (2007) e Pereira et al. (2010), destacando que os benefícios são fatores a serem considerados, pois quando há o aumento dos custos e a estagnação dos preços, a saída mais viável é o desligamento da rede de cooperação.

Para o autor a racionalidade está presente e são indícios para a desistência das redes. Xavier Filho et al. (2015) em seu estudo analisa a questão referente à racionalidade formal, instrumental e valorativa substancial nos relatos de desistência e posteriormente destaca como a racionalidade sendo a principal causa para os conflitos entre os participantes.

2.5 Evidências Empíricas

No cenário do tema proposto foram encontrados nas biografias diversos resultados sobre os motivos das dissoluções das redes de cooperação, estes foram utilizados como base para adaptar a temática de *Coworking* em escritórios de contabilidade. Entre as literaturas, que discorreram sobre os motivos das dissoluções das redes de cooperação, tem-se: Lima, (2007) Pereira et al. (2010), Wegner et al. (2011), Bulgavoc (2011), Barcellos et al. (2012), Wegner e Padula (2012), Klein e Pereira (2012), Venturini (2012) e Xavier Filho et al. (2015).

Lima (2007), em seu estudo, buscou como objetivo geral identificar os motivos que acarretam a saída dos empresários das redes organizacionais às quais participam, ao findar de sua pesquisa concluiu que fatores como assimetria de informações, o tamanho da empresa, a gestão aplicada à rede e os custos-benefícios foram os fatores que levaram a saída da empresa das redes de cooperação.

Pereira et al. (2010) teve como objetivo geral a discussão sobre o encerramento das atividades das empresas que atuavam em redes de cooperação, tendo em vista uma quantidade significativa de empresas que se desagregam. Seus resultados mostraram que tamanho das empresas participantes, relações de desconfiança, processo de gestão desenvolvido pelas redes, assimetria de informações e a relação custo-benefício são resultantes dessa desassociação. Todas essas variáveis, segundo constatações dessas análises, influenciam nas decisões das empresas de permanecerem ou não na rede.

Wegner et al. (2011) identificou os motivos que provocam o desligamento a uma rede por parte dos associados. Os resultados revelaram que falhas estratégicas, ansiedade por resultados, divisão interna, problemas de gestão e poucos participantes na rede culminam na saída de empresas.

Bulgavoc et al. (2011) realizaram um estudo sobre as redes de cooperação, com enfoque nos relacionamentos interorganizacionais na Acomac-Guarapuava. Os resultados obtidos mostraram que a Acomac-Guarapuava não conseguiu atingir os seus objetivos e atender às expectativas dos associados da forma que se imaginava, por isso houve a desintegração da rede.

Barcellos et al. (2012) objetivaram reconhecer os prováveis motivos que ocasionaram certas redes de cooperação a finalizarem suas atividades. As redes que participaram dessa pesquisa faziam parte do Programa de Redes de Cooperação da Universidade de Caxias do Sul, de convênio com o governo do Estado do Rio Grande do Sul – SEDAI. O estudo concluiu que circunstâncias da extinção da rede estavam associados ao individualismo e à falta de confiança, comprometimento e liderança entre os membros.

Wegner e Padula (2012), teve em seu estudo o objetivo de analisar os aspectos que acarretaram uma rede de empresas ao fracasso e a finalização de suas atividades. Os autores concluíram que existem fatores de dois tipos, pré e pós-lançamento. Os de pré-lançamento deve-se ao número reduzido de participantes e lançamento da rede e os de Pós-lançamento, é provocado pelo desajuste estratégico, a perda de apoio do programa público e a maturidade do grupo.

Klein e Pereira (2012) tiveram em seu estudo como objetivo o desenvolvimento de um quadro teórico conceitual dos problemas e dificuldades que podem se manifestar nos vínculos interorganizacionais. Os resultados apontaram que as razões e problemas principais encarados pela união estratégica da organização que podem conduzir ao fracasso diverso, podendo citar: as complicações de geração de resultados tecnológicos, limitada geração de resultados de

negócios, as dificuldades ligadas com a comunicação dentro da aliança, as complicações da gestão da aliança, assim como os altos custos de manutenção.

Venturini (2012) sugeriu um *framework* para a pesquisa da dissolução das redes de cooperação. Os resultados apontaram que as redes de empresas se desfazem em virtude da falta de acompanhamento do programa redes de cooperação a partir da figura do consultor e alinhado ao fato das trocas de governo no Estado do Rio Grande do Sul, o que faz com que o programa tenha pausas que são cruciais para a continuidade dos referidos relacionamentos interorganizacionais.

Por fim, o estudo de Xavier Filho et al. (2015) teve como objetivo analisar e compreender as descrições das racionalidades implícitas e as causas da desistência dos dirigentes de empresas, no sentido de manter a participação em redes de cooperação. Em seu resultado foram comprovadas evidências da presença da racionalidade formal instrumental, assim como a racionalidade valorativa substancial nos relatos de desistência, destacando como seu motivo primordial o choque ou conflito cultural entre os participantes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir, será dissertado acerca da tipologia da pesquisa, a unidade de análise, a coleta de dados e os procedimentos de análise de dados.

3.1 Tipologia da Pesquisa

No que se refere à tipologia da pesquisa, o presente estudo categoriza-se como uma abordagem exploratória e descritiva. Para Gonçalves e Meirelles (2004, p. 37), a pesquisa exploratória é “realizada para descobrir ou descrever melhor os problemas raiz que são apontados através de sintomas ou queixas para se alcançar os objetivos, desse modo, expandido os conhecimentos sobre determinado assunto”. Gil (2002) afirma que as pesquisas descritivas têm como objetivo principal a descrição dos perfis de delimitado público ou fenômeno. Sendo assim, o estabelecimento de conexão entre variáveis descreve fatos de forma abundante e minuciosa para o entendimento.

Pela prerrogativa de estar inserida em um contexto social, entendendo os porquês da dissolução das redes de cooperação dos escritórios de contabilidade, utilizou-se estudo de caso. Estudo de caso, como disserta Goode e Hatt (1979) é a forma como se ordena e coordena os dados, sendo sua finalidade estudada de natureza única. Posteriormente, Yin (2001) indica o estudo de caso como uma investigação empírica, através da coleta e análise de dados.

Além disso, utilizou-se o procedimento qualitativo, pela necessidade de entendimento dos comportamentos dos entrevistados de forma minuciosa. Mínimas pressuposições são características da abordagem qualitativa. Descrevendo sobre isso, Aaker et al. (2004) afirmam que a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela ausência de hipóteses, ou hipóteses pouco definidas.

As informações obtidas a partir do entrevistado é a principal base de conhecimento da pesquisa qualitativa. Sendo assim, Oliveira (2011) conceitua a abordagem qualitativa como “expressão genérica”, significando que a pesquisa assimila atividades ou observações que podem ser denominadas específicas. A investigação qualitativa possui como fonte direta, os dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

A observação é quesito indispensável quando se trata da entrevista, pois através desta pode-se obter informações para o desenvolvimento do estudo. Nesse contexto, Bogdan e Biklen, 2010, p.16), conceitua, a observação como sendo: “uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”. Hair, Joseph, Barry, Money e Samoel (2015, p. 85) complementam, afirmando

que: “uma entrevista em profundidade é uma sessão individual entre o entrevistador treinado e um entrevistado”.

3.2 Unidade de Análise

O presente estudo foi realizado em uma rede cooperação na modalidade de *Coworking* e um escritório de Contabilidade que estava a ela associada de novembro de 2016 a Agosto de 2017, mas que atualmente encontra-se desassociada da rede.

A busca pelas unidades de análises iniciou por pesquisas em *sites* e através de redes sociais. Foram contatados alguns escritórios *coworking*, da grande João Pessoa. Porém, havia uma dificuldade de encontrar escritórios que foram participantes dessas redes de cooperação.

Diante do exposto, contatou-se inicialmente com o escritório Lopes e Gadelha Assessoria e Consultoria Contábil e logo após, com a Rede de cooperação Athos, a qual foi escolhida para ser a rede de cooperação na modalidade *coworking*. O objetivo da pesquisa consiste em verificar os motivos para dissolução dos escritórios de contabilidade das redes de cooperação na modalidade *coworking*. Assim, com a intenção de entender a dissolução da integração entre o escritório Lopes e Gadelha Assessoria e Consultoria Contábil e a rede de cooperação Athos, foram aplicadas duas entrevistas, uma com cada organização.

3.3 Coletas de Dados

Com a intenção de reunir dados consideráveis e confiáveis foram aplicadas as entrevistas pessoalmente, na rede de cooperação na modalidade de *Coworking* e no escritório de contabilidade que participou da rede de cooperação.

A primeira entrevista foi aplicada aos treze dias de novembro de 2017, em um período de tempo de 25 minutos e 52 segundos, verificável através de gravação que foi direcionada ao escritório de Contabilidade que participou da rede de cooperação, sendo realizadas 36 perguntas que foram baseadas no estudo de Lima (2007).

Posteriormente, aos 20 dias do mês de novembro do ano 2017, a segunda entrevista foi realizada com a rede de cooperação *coworking*, com duração de 20 minutos e 33 segundos, contendo 22 perguntas, também adaptadas do estudo de Lima (2007), com a finalidade de entender as estruturas interorganizacionais, a cooperação, vantagens e desvantagens, mudanças e demais pontos da gestão de uma rede de cooperação *Coworking*.

3.4 Procedimento de Análise de Dados

Posteriormente à coleta de dados, segue-se para a etapa da análise, por meio de análise de conteúdo. Em forma de entrevistas os dados foram coletados e analisados, de maneira minuciosa e detalhista, observando as principais colocações e posições dos entrevistados. Assim, focalizou-se no ambiente ao qual está inserida a rede e seus colaboradores, e nos seus costumes, hábitos, nas práticas do gestor do *Coworking* e nos porquês da dissociação dessas redes de cooperação.

A análise de conteúdo é um método importante para análise de entrevistas, pois é possível descrever experiências vividas pelos participantes da pesquisa e que podem ser melhoradas constantemente. Assim, Bardin (2009, p.15) afirma que: “A análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Na perspectiva de análise de conteúdo, utilizou-se avaliação e estudo dos dados, que é, conforme Bardin (2009, p. 44):

[...]um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de que se é perguntado (variáveis inferidas) destas mensagens.

Ao findar essa etapa, obteve-se repostas sobre quais motivos e razões as redes se dissolvem, por meio das indicações dos entrevistados. Assim, seguido da interpretação dos dados, seguiu-se para a confrontação de ideias entre literaturas existentes e o resultado encontrado, através da triangulação dos resultados.

4 ANÁLISES DOS RESULTADOS

4.1 Lopes e Gadelha Assessoria e Consultoria Contábil

A unidade de pesquisa, nomeada como Lopes e Gadelha Assessoria e Consultoria Contábil, que participou da rede de cooperação Athos, teve como entrevistada a proprietária. O escritório em questão iniciou suas atividades em Janeiro de 2014 e entrou na Rede *Coworking* em novembro de 2016 e saiu em agosto de 2017, participando na Rede de Cooperação em um intervalo de tempo de 9 meses.

Segundo a entrevistada, seu principal objetivo ao entrar na rede foi o custo-benefício, a localização em que a rede de cooperação *Coworking* estava inserida (sendo um dos bairros mais nobres da capital paraibana), assim como o *networking* e a redução dos preços. Sendo assim, o trabalho corroborou com a literatura, como nota-se com a citação de Munhoz et al. (2015), que revela que o suporte financeiro, *networking*, o espaço adequado, a divisão de custos fixos, troca de experiências são características positivas dos *coworking*. Porém, posteriormente, podem surgir custos benefícios, que levem à saída da rede de cooperação *Coworking*, tais como Custo-benefício que são fatores cruciais quando se trata das dissoluções entre redes de cooperação.

A entrevistada, comentou sobre os custos-benefícios que levaram a dissolução das redes de cooperação, citando a necessidade um local próprio. Além disso, afirmou que ganhou credibilidade após a saída da rede cooperação *coworking* e conseqüentemente, pôde aumentar os preços de seus serviços. Novamente, a informação corrobora com a literatura, pois conforme Lima (2007) e Pereira et al. (2010), a relação entre custos-benefícios são fatores a ser considerados na dissolução de empresas e quando há o aumento dos custos e a estagnação dos preços, a saída mais viável é o desligamento da rede de cooperação.

Não foi especificado em valores monetários o faturamento médio atual do escritório, porém, a entrevistada comentou que:

“Houve o aumento do faturamento depois do ingresso à rede, porém, não foi em decorrência precisamente do *Coworking* e sim do trabalho bem executado e a confiança transmitida aos clientes, sendo que o aumento do faturamento está diretamente relacionado com uma rotina bem realizada, conseqüentemente, transbordante de resultados”.

Em relação à Lucratividade, houve um aumento progressivo, segundo a entrevistada, desde quando iniciaram as atividades, em Janeiro de 2014, o percentual de lucro era menor, no período do *Coworking* aumentou e, atualmente, possuindo seu próprio espaço houve novamente o aumento, pois conforme a entrevistada: “um ambiente próprio transmite credibilidade”.

No que tange aos motivos que levaram o escritório de contabilidade compartilhada deixar a rede, a entrevistada relatou que foi por:

“Problemas pessoais (não relatou), necessidade por um espaço próprio, pois diversas vezes foram prejudicados com clientes que não tinham tempo para o horário comercial e deixavam de atender, por conta de horário de fechamento do *Coworking*, feriado, feriados prolongados e principalmente pela necessidade de privacidade, pois contadores trabalham com documentos e documentos esses que são sigilosos e citou como exemplo: algum parceiro de trabalho poderia utilizar um

documento confidencial e levar para concorrência dando vantagens competitivas e assim houve a necessidade de um lugar próprio, onde a própria fazia seu horário.”

Como citado anteriormente, a necessidade por um espaço próprio é um dos principais fatores que acarretam nessas dissoluções. Nesse sentido, o individualismo é fator crucial a ser citado quando se trata das dissoluções das redes, tendo em vista, que o associado toma suas decisões para saciar seus objetivos pessoais (Klein, 2012; Barcellos et al., 2012; Dias, 2017).

Em relação aos fatores cruciais para ingressar na rede de cooperação, a entrevistada observou os seguintes pontos:

“Adquirir status, custos benéficos, foram os principais motivos que levou o Escritório compartilhado a ingressar em uma rede de cooperação”. Porém, a entrevistada afirma que “escritório de contabilidade não deve aderir à modalidade *coworking*, alegando a privacidade dos documentos como principal fator”.

Segundo a entrevistada, dentro do ambiente de redes, a cooperação e a motivação ganha destaque. No ambiente do *coworking*, existe na percepção da entrevistada um nível de cooperação, principalmente vindo dos próprios proprietários, pois esses influenciavam quando se tinha um serviço a fazer, o mesmo era realizado entre os associados do *coworking*, compartilhando-se informações.

O *networking* para a entrevistada foi citado diversas vezes, como sendo o principal motivo para o ingresso na rede de cooperação, como ponto positivo. O *networking*, ou rede de relacionamentos é, segundo Souza (2003, p. 67):

Um conjunto de técnicas e atitudes cuja aplicação requer um comportamento natural de solidariedade e de ajuda recíproca de todos aqueles que tomam consciência de que estamos em permanente interdependência nas redes de relacionamento – grupo, sociedade e humanidade.

A importância dos relacionamentos, conexões e conhecimentos feitos entre os associados da rede de cooperação na modalidade de *coworking* é de efeito favorável, sendo uma tendência no mercado de trabalho. Porém, a incidência de pontos negativos e que levaram a dissolução da rede foi: privacidade ao cliente e a constante necessidade de possuir um lugar apenas seu.

4.2 Rede de Cooperação Athos Coworking

A unidade de pesquisa, nomeada como Rede de cooperação *Coworking* teve como entrevistado o proprietário do estabelecimento Athos Offices *Coworking*.

O espaço em questão iniciou suas atividades em 2013, com a principal intenção de ajudar empreendedores a iniciar suas atividades e com o entendimento de que a cooperação de redes é uma tendência.

A Athos Offices *Coworking* que atualmente está localizada na Rua Manoel Medeiros Guedes, 12 - Sala 201 - Manaíra, João Pessoa – PB, quando iniciou foi formada por duas pessoas (os proprietários) e possuía como número de *Coworking* associados, 3 (representando os clientes da empresa). No decorrer últimos 5 anos, houve mudanças principalmente na estrutura física do *Coworking*.

Para o entrevistado, a primeira e principal vantagem da rede de cooperação *Coworking* é o custo, seguido, posteriormente, pelo *networking*, descrevendo que há a relação de conhecimento com outras pessoas envolvidas na cooperação e que possuem necessidades que o associado *Coworking* pode suprir. Sendo esses os motivos cruciais que levam ao ingresso no *Coworking*. Concordando, dessa forma, com a literatura anteriormente apresentada por Munhoz et al. (2015), que indicou que o suporte financeiro, *networking* e

espaço adequado, a divisão de custos fixos, troca de experiências são características positivas dos *coworking*.

Dentro do *Coworking*, conforme o entrevistado: “é possível ver comportamentos oportunistas, como em qualquer outro lugar, pois é um ambiente com personalidades e índoles diferentes”. Porém, segundo o entrevistado, isto não afeta a rede de cooperação na modalidade de *Coworking*, alegando que o associado que foi lesado possui a plena consciência, que foi pelo ato de um indivíduo e não da coletividade, ou seja, do *coworking*.

Segundo o entrevistado, existe um nível de cooperação positivo entre os associados do *coworking*, afirmando que o interesse financeiro pode ser um fator crucial para essa cooperação e alegando que não há conflitos entre os associados do *Coworking*.

Segundo o entrevistado, em um período de curto prazo, o benefício ou ganho que é apontado nas empresas associadas é a diminuição de riscos para possíveis perdas de investimento. Em contrapartida, em longo prazo, menciona-se a maturação da empresa e análise de longevidade do empreendimento.

De acordo com o entrevistado: “O ganho da empresa no processo associativo é diretamente proporcional à relação entre o número de associados”. Assim, a quantidade de associados está diretamente ligada a disponibilidade financeira das empresas. Sendo assim, pode-se dizer que quanto mais associados, mais benefícios aos participantes da rede de cooperação *coworking*.

Segundo o entrevistado, o nível de informação entre integrantes do *coworking* é um fator proveitoso, troca de cartões de visitas e o *networking* são quesitos que apontam essa comunicação, participação e cooperação entre os associados. Conforme o entrevistado, no que se refere à pergunta se existiu situação em que uma empresa foi mais privilegiada do que a outra, o entrevistado respondeu da seguinte forma:

“Não há o privilégio entre os associados, porém, quando uma empresa está disposta pagar mais, existem vantagens. A formatação do produto está diretamente proporcional a quanto o cliente pretende gastar. Por exemplo: Quantas horas no *coworking*, quantas horas na sala de reunião, auditório. Existem a variação entre os valores pagos pelo cliente, entre R\$ 200,00 e R\$ 9.000,00”.

Assim o quesito que diz respeito ao privilégio existente entre os associados não pode ser entendido como um fator prejudicial, mas como sendo uma troca, no que diz respeito ao que as empresas estão dispostas a investir, conforme a fala do entrevistado.

A cooperação está diretamente ligada a uma confiança entre os participantes do *coworking*, assim como entre a rede e seus associados. Conforme percebido, na seguinte afirmação do entrevistado: “Quando ocorre a indicação de um serviço por parte da rede é sinônimo desse relacionamento de confiança. Como há bastantes indicações, nota-se que há um nível de confiança elevado”. Além disso, o entrevistado cita eventos em que foi possível perceber a cooperação entre a rede e os seus associados:

“Eventos, como *happy Friday*, onde foi oferecido um *coffee break*, na última sexta feira do mês, foi aberto para quem quer mostrar um produto ou serviço, em um período de 15 minutos e ao final há a troca de ideias; outra reunião que promovemos, chama-se conexão Athos, em um espaço de 3 semanas propiciamos cursos, como de finanças. Tudo de forma gratuita. Assim, promovemos a inovação e progresso de nossas empresas, segundo o entrevistado. A rede de cooperação *coworking*, é um lugar propício para a realização de negócios, criando através desses eventos, como, *happy Friday* e Conexão Athos, uma rede de relacionamentos, que é características do *coworking*”.

No roteiro adaptado, percebe-se através de ambos os entrevistados (a entrevistada do escritório e agora o da rede de cooperação), que custos-benefícios e *networking* são as

principais vantagens do *coworking*. Assim, participar de uma rede de cooperação, onde há troca de informações, relacionamento entre associados, como discutido na literatura no decorrer do estudo, cria uma rede de cooperação, onde há benefícios recíprocos.

Maturação, necessidade de estrutura própria, individualismo, para os entrevistados são os porquês para que uma empresa se desligue do *coworking*. Diante da realidade das redes de cooperação *coworking*, entende-se que, para os associados, com o passar do tempo, tal associação pode trazer a consolidação do profissional ou do empreendimento no mercado. Porém, surgem também necessidades e oportunidades e a solução mais viável, ou seja, analisando os custos-benefícios é a busca por um lugar próprio.

4.3 Lopes e Gadelha Assessoria e Consultoria Contábil X Rede de Cooperação Athos Coworking.

Nesse tópico será realizado um confronto e comparação das informações que foram coletadas nas entrevistas, de ambos os entrevistados. Trazendo respostas sobre os benefícios e dissoluções de parcerias.

Quadro 1 – Diferentes percepções

Pontos analisados	Lopes e Gadelha assessoria e consultoria contábil	Lopes e Gadelha assessoria e consultoria contábil
Objetivos para o ingresso/criação da rede de cooperação Athos <i>Coworking</i> .	Objetivo ao entrar a rede foi o Custo Benefício, localização a qual está inserida o <i>Coworking</i> sendo um dos bairros mais nobres da capital paraibana, assim como, <i>networking</i> e a redução dos preços.	Objetivo de ajudar empreendedores a iniciar suas atividades
Benefícios ao curto prazo	No curto prazo, o principal benefício é citado, reconhecimento do mercado.	No curto prazo, o benefício ou ganho que é apontado às empresas associadas, é a diminuição de riscos para possíveis perdas de investimento
Benefícios ao longo prazo	Benefício ao longo prazo: Não há.	No longo prazo, os benefícios citados são: a maturação da empresa e análise de longevidade do empreendimento.
Relação números de associados com ganho da empresa	A relação número de associados, com o ganho da empresa, é com certeza relacionada.	A relação entre o número de associados, com o ganho da empresa, é diretamente proporcional.
Dependência entre os associados	Não existe dependência entre os associados à rede de cooperação.	Não existe dependência entre os associados à rede de cooperação.
Disponibilidade de informações	Disponibilidade de informações: Não possuía.	O nível de informação entre integrantes do <i>coworking</i> é um fator proveitoso, troca de cartões de visitas, o <i>networking</i> , são quesitos que apontam essa comunicação, participação e cooperação entre os associados.
Motivos que ocasionaram ou podem ocasionar a saída da rede de cooperação.	Os motivos que acarretam a saída da rede de cooperação <i>coworking</i> , custos benefícios, privacidade e necessidade de lugar seu.	Motivos que levam a saída da rede de cooperação <i>coworking</i> , Maturação, necessidade de estrutura própria.

Fonte: Elaboração Própria (2017)

Munhoz et al. (2015) comentam que suporte financeiro, *networking* e espaço adequado, custos, troca de experiências são características positivas dos *coworking*. Em conformidade com a literatura, observa-se que os dados relacionados ao que diz respeito aos

objetivos que embasaram a adesão do escritório de contabilidade que participou da rede são os custos-benefícios, localização do *coworking*, *networking* e redução de preços. Em contrapartida a primordial razão que despertou o proprietário e gestor da rede de cooperação na modalidade *coworking* a iniciar este empreendimento foi o desejo por apoiar e auxiliar empreendedores que não possuíam condições de introduzir seu trabalho de forma no mercado.

Dentro da perspectiva de curto prazo, no que se refere aos benefícios, há divergências de respostas entre os entrevistados, opiniões com enfoques publicitários e financeiros, respectivamente. Para o escritório de contabilidade que participou da rede, o benefício está associado ao reconhecimento no mercado. Em compensação para a rede de cooperação *coworking*, a diminuição de riscos para possíveis perdas de investimento é a vantagem principal.

Assim como no curto prazo, em longo prazo as visões dos entrevistados são divergentes. De forma extrema, a entrevistada e proprietária do escritório de contabilidade que participou da rede de cooperação, não enxerga ganhos ou vantagens em longo prazo, porém, em contrapartida, o proprietário da rede de cooperação na modalidade de *coworking*, analisa os anos como um período de amadurecimento e crescimento da empresa associada.

O quarto ponto discutido no quadro 1, foi a relação do número de associados da rede de cooperação *coworking* com o ganho financeiro da empresa, ambos os entrevistados concordam que há um relacionamento entre os indicadores. Diante dessa prerrogativa, pode-se afirmar que a quantidade de associados está diretamente proporcional à disponibilidade financeira das empresas.

Quanto a dependência dos associados, menciona-se que *coworking* reflete em um fato social, em que há a união de profissionais que atuam melhor em conjunto. Os associados à rede de cooperação *coworking* atuam positivamente em conjunto ou cooperação, porém, não há uma dependência entre os associados a rede de cooperação (Mesquita, 2016). Assim, também concordaram ambos os entrevistados.

Para o escritório de contabilidade, que participou da rede, não há a disponibilidade de informações, porém, de forma contrária, a rede de cooperação na modalidade *coworking*, indicou que há informações disponíveis, citando como fatores proveitosos, a troca de cartões de visitas e o *networking*. Sendo esses quesitos (apontados pelo entrevistado da rede de cooperação), defendidos por Zanon (2015), ao apontar que *Coworking* é uma área compartilhada de trabalho atual, onde são agregados profissionais para que assim, sejam compartilhados conhecimentos, experiências, informações e dessa forma, obtenham um ambiente também adequado para um maior rendimento.

O sétimo e último ponto discutido são os motivos que acarretam a saída da rede de cooperação *coworking*, sendo citados como exemplos, a privacidade, custos-benefícios, maturação e necessidade de estrutura própria, o que também encontra-se em consonância como os estudos de Klein (2012) e Barcellos et al. (2012) e Dias (2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo verificar os principais motivos que impulsionaram a dissolução de um escritório de contabilidade da rede de cooperação na modalidade *coworking*, mediante execução de entrevistas, com o escritório de contabilidade que participou da rede de cooperação e, posteriormente, com a rede de cooperação na modalidade *Coworking*.

Para isto, a realização do estudo concretizou-se no segundo semestre do ano de 2017, analisando e comparando as informações obtidas entre o escritório de contabilidade que participou da rede de cooperação e a Rede de Cooperação na modalidade *Coworking*.

Ao analisar o escritório de contabilidade que participou da rede de cooperação, observou-se que o objetivo ao entrar na rede era o Custo-benefício e a localização a qual

estava inserida o *Coworking*. O benefício a curto prazo é o reconhecimento pelo mercado e não há vantagens a longo prazo. O potencial de ganho da empresa está diretamente ligado ao número de associados. Finalmente, os motivos que levam a dissolução, foram a necessidade por privacidade e de um lugar próprio.

Ao examinar a Rede de cooperação na modalidade de *coworking*, verificou-se que o objetivo ao criar uma rede de cooperação se deu pelo desejo de ajudar novos empreendedores que não possuíam condições de abrir seu próprio local de trabalho. Diminuição de ricos para possíveis perdas de investimento são vantagens das Redes de Cooperação na modalidade de *Coworking*. Já maturação e longevidade são os benefícios a longo prazo. Os aspectos que contribuem para dissolução de redes, por sua vez, referem-se à necessidade de estrutura própria e a maturação.

Diante disso, verificou-se que fatores como, maturação, privacidade e individualismo são os principais fatores que contribuem para dissolução das Redes de cooperação *coworking*. Klein (2012) e Barcellos et al. (2012), analisando os fatores chave para a dissolução e, conseqüentemente, do desligamento da rede perceberam o individualismo como proposta totalmente contrária as primícias das redes de cooperação.

O principal motivo citado por ambos entrevistados para o ingresso da rede de cooperação *coworking* é causa do desligamento do mesmo, a relação custos-benefícios. Ressaltando que Lima (2007) e Pereira et al. (2010) destacam que os benefícios são fatores a ser considerados. Porém, quando há o aumento dos custos e a estagnação dos preços, a saída mais viável é o desligamento da rede de cooperação. Dessa forma, nota-se que a pesquisa, convencionou em partes com estudos anteriores, podendo citar o individualismo e custo benefícios como motivos para essa dissolução, mas trazendo a novidade da maturação e privacidade.

Entre as limitações do estudo, indica-se se os poucos escritórios de contabilidade participantes das redes de cooperação. Diversas empresas foram acionadas fisicamente e por telefone, porém, apenas 1 rede e 1 escritório aceitou a proposta de entrevista. Por fim, orienta-se que os posteriores estudos investiguem outros escritórios de contabilidade participantes das redes de cooperação de outros Estados e os motivos de suas desintegrações.

REFERÊNCIAS

- Aaker, D. A., Kumar, V. & Day, G. S. (2004). Pesquisa de marketing. São Paulo: Atlas.
- Azzolini Júnior, W., Barbosa, F., & Sacomano, J. (2003). As redes de negócios e as cadeias de suprimento: um estudo de caso para compreensão conceitual. In: ENEGEP – Encontro Nacionais de Engenharia de Produção, XXIII, 2003, Ouro Preto. Anais. Ouro Preto.
- Bardin, L. (2009). Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA.
- Barcellos, P., Borella, M., Peretti, J., & Galelli, Ademar. (2012). Insucesso em redes de cooperação: estudo multicase. Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão, 11(4), pp. 49-57.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2010). Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto Editora.
- Campos, L., Oliveira, K., Leal, E., & Duarte, S.L. (2016). Gestão de custos interorganizacionais: um estudo da “rede cerrado” de supermercados. Revista contabilidade vista e revista. Belo Horizonte. 27(3), pp.81-104.

Cavalcanti, M. (Org.). (2006). *Gestão social, estratégias e parcerias: redescobrimo essência da administração brasileira de comunidades para o terceiro setor*. 1 ed. São Paulo: Saraiva.

Cisne, C., Arasaki, P., & Santos, N.(2015). Coworking: compartilhando mais que espaços? *Revista Gestão Industrial*. Paraná. *11*(3), pp. 168-182.

Eckert, A.; Milan, G., Mecca, M., & Nunes, G.(2013). Fatores determinantes para a retenção de clientes em escritórios de contabilidade: um estudo multicaso realizado em uma cidade da serra gaúcha. *Revista Eletrônica de Estratégia e negócios*. Caxias do Sul. *6*(3), pp 51-78.

Ferraz, L. M. S.(2015). Fatores que influenciam o desempenho de uma rede de cooperação horizontal: um estudo de caso das redes de Cascavel – PR. 2015. Dissertação (Mestrado em Administração). Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul – PUCRS, Porto Alegre –RS.

Fisher, A., Rover, A., Fransozi, L. & Mello, M.(2014). Aliança estratégica: rede oeste de cooperação de empresas contábeis de Santa Catarina. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*. Rio de Janeiro, *19*(2), p. 58 – 78.

Gil, A. C.(2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Gomes, A. K., & Callado, A.(2016). Desempenho Organizacional das Micro e Pequenas Empresas Localizadas em João Pessoa: Estudo Comparativo entre Redes de Cooperação Horizontal e Empresas Não Cooperadas. XVI Congresso USP Contabilidade e Controladoria. 2016. São Paulo. Anais... Building Knowledge in Accounting.

Gomes, A. K. L. (2016). Desempenho organizacional das micro e pequenas empresas localizadas em João Pessoa: Estudo comparativo entre empresas que participam de redes de cooperação e empresas que não participam. 2016. 114p. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Universidade federal do rio grande do norte – UFRN, Programa MultiInstitucional e Inter-Regional de Pós Graduação em Ciências Contábeis, João Pessoa-PB.

Gonçalves, C., & Meirelles, A.(2004). *Projetos e relatórios de pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas.

Goode, W.J., & Hatt, P.K.(1979). *Métodos em pesquisa social*. 5a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Hair, J., Joseph, F., Barry, B., Money, A. H., & Samoel, P. (2005). *Fundamentos em métodos de pesquisa em administração*. Porto Alegre. Bookman.

Klein, L., & Pereira, B. (2012). Why do companies withdraw from cooperative process: contributions to the management of inter-organizational networks. *Economia Global e Gestão*, *17*(3), pp. 121-140.

Lima, P.E.S.(2017). Redes interorganizacionais: uma análise das razões de saída das empresas parceiras. 2017. 105 p. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Santa Maria Centro de Ciências Sociais e Humanas - Programa de Pós-graduação em Administração. Santa Maria- RS.

Marquezan, L., Sousa, M. (2015). Fatores condicionantes da formação de uma rede horizontal entre franqueadas. *Gestão & Regionalidade*, 31(91), pp.67-86.

Medina, P. F., & Krawulski, E. (2015). Coworking como modalidade e espaço de trabalho: uma análise bibliométrica. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 18(2), pp.181-190.

Mesquita, L.A.F. (2016). As práticas que sustentam o trabalho colaborativo em espaços de coworking e o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação: Estudo de caso da Goma. 2016. 156f. Dissertação (Mestrado em Administração de empresas). Fundação Getúlio Vargas Escola de Administração de empresas de São Paulo, São Paulo-SP.

Munhoz, A., Sengia, B., Fazzio, B., Oliveira, G., & Ades, C. (2013). Coworking e crowdsourcing: como modelos de negócios inovadores influenciam no desenvolvimento de start-ups. XVI SEMEAD Seminários em Administração, São Paulo, Anais... Empreendedorismo Intracorporativo: Modelos de Negócio e Fontes de Capital para o Empreendedorismo.

Neme, C. M. N. (2014). Coworking: contribuições de um modelo de consumo colaborativo e da arquitetura corporativa para o gerenciamento das cidades. *Revista Nacional de gerenciamento de cidades*. São Paulo, 2(12), pp. 85-95.

Oliveira, M. F.(2011). Metodologia Científica: Um Manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: Universidade Federal de Goiás - UFG.

Palmeira, J. N., & Tenório, F. G.(2002). Flexibilização organizacional: aplicação de um modelo de produtividade total. Eletronorte, Rio de Janeiro: Editora FGV.

Pereira, B., Venturini, J.; Wegner, D.; & Braga, A.(2010). Desistência da cooperação e encerramento de redes interorganizacionais: em que momento essas abordagens se encontram? *Revista de Administração e Inovação RAI*. São Paulo, 7(1), pp. 62-83.

Rief, S., Stiefel, K., & Weiss, A. (2016), Harnessing the Potential of Coworking. *Fraunhofer. Haworth*. 5(16), pp. 1 – 13.

Santos, W. R., & Carneiro, T. J. (2013). Inovação e desempenho organizacional: um estudo das publicações científicas da base Web of Knowledge. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, 7(3), pp.75-96.

Serra, A.L.A.(2013). Coworking: Uma nova perspectiva mercadológica para São Luís. 2013. 46f. Tese (graduação). Universidade do Maranhão. São Luís-MA.

Shigunov, T. R. Z., & Shigunov, A. R. (2003). A qualidade dos serviços contábeis como ferramenta de gestão para os escritórios de contabilidade. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 2(1), pp. 1-23.

Souza, D.L.O.(2003). Ferramentas de Gestão de tecnologia: um diagnóstico de utilização nas pequenas e médias empresas industriais da região de Curitiba. Curitiba. 119 p. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Programa de Pós-graduação em Tecnologia- PPGTE, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná- CEFET, Curitiba-PR.

Surman, T., Kempner, Randall, & Walshok, Mary. (2017). Accelerating Entrepreneurship. *Innovations*, 8(3).

Venturini, J. (2012). Discutindo fatores de dissolução de redes horizontais de micro, pequenas e médias empresas. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Wegner, D., Ribeiro, J. (2011). Avaliação de desempenho de redes horizontais de empresas: Um exemplo exploratório. *Revista Alcance – Eletrônica, Rio grande do Sul*, 18(1), pp. 59-74.

Wegner, D., & Maehler, A. (2012). Desempenho de empresas participantes de rede interorganizacionais: analisando a influência do capital social e da capacidade absorviva. *Revista Gestão e Planejamento, Salvador*, 13(2), pp. 191-211.

Wegner, D., ZEN, A. & Aldino, B. (2011). O último que sair apaga as luzes: um estudo de caso sobre os Motivos para a desistência da cooperação e encerramento de Redes de empresas. *Revista de Negócios, Blumenau*, 16(4), p.30–50.

Wegner, D., & Padula, A. D. (2012). Quando a cooperação falha: um estudo de caso sobre o fracasso de uma rede interorganizacional. *Revista de Administração Mackenzie*, 13(1), pp. 145-171.

Xavier Filho, J., Paiva Junior, F., Alves, S., & Medeiros, J. (2015). Desistência de cooperação em redes interorganizacionais: reflexões inspiradas na ação social weberiana. 2015. *Rev. Adm. Mackenzie*. 16(6), p. 159-189.

Yin, R. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2a ed. Porto Alegre: Bookman.

Zanon, B.V.B. (2015). Rede, Coworking e emancipação intangível: um olhar sobre a flexibilidade, biopolítica e subjetiva a partir da estruturação produtiva. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Ciências Sociais.